

# AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA TERRA INDÍGENA XOKLENG\LAKLÃNÕ: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E TECNOLOGIAS NA ESCOLA

Lilian Patté Dos Santos Lemos<sup>1</sup>

## Resumo:

No estudo buscaremos trazer as pesquisas realizadas para conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica- UFSC. Temos como intuito, apresentar o que os indígenas pertencentes ao Povo Xokleng/Laklãnõ, da Terra Indígena Laklãnõ localizada no alto vale de Itajaí, pertencente ao município de José Boiteux – Santa Catarina, enxergam e falam sobre as diferentes mídias tecnológicas de comunicação, tendo em vistas que no presente essas diferentes tecnologias fazem parte de seu cotidiano, como celular, internet, computadores e etc. e vem tomando força junto às crianças e jovens da T. I. , ao mesmo tempo em que influencia no cotidiano da escola indígena e no cotidiano familiar. Nesse sentido, após discorrermos sobre educação escolar indígena, visamos também entender de que forma é possível termos a tecnologia como nossa aliada em diferentes processos educativos, seja na educação indígena no ambiente familiar ou na educação escolar indígena.

**Palavras-chave:** Tecnologia, Mídia, Infância, Xokleng/Laklãnõ, Conhecimento.

---

<sup>1</sup> Pesquisa apresentada a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como pré-requisito para obtenção do título de licenciada no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, sob a orientação do Professor Dr. Josué Carvalho. Fevereiro de 2020.



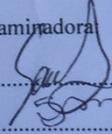
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA  
MATA ATLÂNTICA

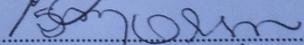
### ATA DE DEFESA DE TCC

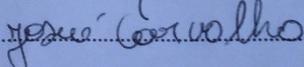
Aos 11 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 10:30 horas, na Sala 322 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador **Josué Carvalho** e Presidente, Professor, **Silvia Maria de Oliveira**, Membro da Banca e Professor **Sandor Fernando Bringmann**, Membro da Banca, designados pela Portaria nº 36/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Lilian P. S. Leimer** subordinado ao título de “AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA TERRA INDÍGENA XOKLENG: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E TECNOLOGIAS NA ESCOLA”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Silvia Maria de Oliveira**, a nota final 8,0; do Professor **Sandor Fernando Bringmann**, a nota final 8,0; e do Professor **Josué Carvalho**, a nota final 9,0; sendo aprovado com a nota final 8,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

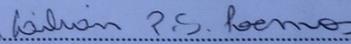
Florianópolis 11 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora

Prof.  .....

Prof.  .....

Prof.  .....

Candidato  .....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) LILIAN PATTÉ DOS SANTOS LEMOS, matrícula n.º 16105937, entregou a versão final de seu TCC cujo título é AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA TERRA INDÍGENA XOKLENG: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E TECNOLOGIAS NA ESCOLA, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita do orientador(a) sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

## Ficha catalográfica

Patté Dos Santos Lemos, Lilian  
AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA TERRA INDÍGENA  
XOKLENG\LAKLÃNÕ : EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E TECNOLOGIAS  
NA ESCOLA / Lilian Patté Dos Santos Lemos ; orientador,  
Josué Carvalho, 2020.  
25 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica. 2. Tecnologia. 3. Mídia. 4. Infância. 5.  
Xokleng/Lakãñõ. I. Carvalho, Josué. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

## INTRODUÇÃO

Não é de hoje que as tecnologias fazem parte da vida humana, a cada dia que passa a sociedade evolui e juntamente com ela as tecnologias, principalmente a tecnologia da comunicação. O uso destas tecnologias está transformando as formas como os seres humanos, tecem relações com o 'outro', e na área da educação não tem sido diferente, os profissionais desta área em geral, estão buscando meios para agir, conviver e principalmente aprender com estes meios de comunicação, a fim de ampliarem seus conhecimentos.

O povo Xokleng/Laklãnõ, ao longo dos anos também foi desenvolvendo seus próprios métodos de comunicação e tecnológicos, a fim de facilitar o seu cotidiano. Tiveram que ir se adaptando, aos poucos, com a nova realidade que chegou até eles. Foram muitas as mudanças que ocorreram em suas vidas, desde o contato com o não indígena.

Neste artigo buscaremos trazer parte de nossas pesquisas, realizadas para conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, junto a Universidade Federal de Santa Catarina. Têm-se como objetivos, relatar sobre a interferência das mídias como: televisão, rádio, internet, entre outros no cotidiano do povo Xokleng/Laklãnõ, na Terra Indígena de mesmo nome, que está localizada no alto vale do Itajai, no Estado de Santa Catarina. Temos como intuito, também descrever sobre as apropriações dos indígenas Xokleng/Laklãnõ das diferentes tecnologias trazidas pelo não indígena e analisar de que forma a reestrutura a seus modos.

O estudo se deu num formato comparativo entre o tempo contado pelos velhos da terra indígena antes das mídias e as implicações relatadas pelos mesmos ao que se refere aos modos e costumes indígenas de ser e viver em sociedade.

Meu nome é Lilian Patté dos Santos Lemos, filha de Pedro dos Santos Lemos, da etnia Tupi Guarani, natural de São Paulo e de Maria Patté, do povo Xokleng/Laklãnõ, natural de Santa Catarina. Nasci em São Paulo, no município de Itanhaém, aos dezessete dias do mês de setembro no ano de mil novecentos e oitenta e dois e com um mês de vida, minha mãe que é catarinense, veio comigo e com meu pai para viver e morar em Santa Catarina, na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ, onde fui criada e vivo até hoje. Minha infância e adolescência morei na Aldeia Bugio, foram anos em que passei bons momentos da minha vida sem a interferência de aparelhos tecnológicos, como celular, televisão, computador. Quando me casei, ainda muito jovem aos dezesseis anos, fui morar na Aldeia Sede da mesma T.I.

Sou casada com Almir Ndolie de Lima da etnia Xoklêng\Laklãnõ, mãe de quatro filhos que são; Mayra, 18 anos, Agatha, 15 anos, Higor, 10 anos e Vaica, minha bebezinha. Moro na Terra Indígena Laklãnõ, no município de José Boiteux, Santa Catarina, na Aldeia Sede. Minha aldeia é muito calma e tranquila, é a primeira aldeia criada nesta Terra Indígena, foi nesta aldeia em que ocorreu o primeiro contato com o colonizador. Atuo também como professora de Língua Portuguesa e Literatura na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, desde o ano de 2005. Tive uma infância saudável, brinquei muito, andava quase doze quilômetros para ir pescar com a minha avó e meus primos. Também caminhava quase que o mesmo percurso para ir à escola mais próxima, mas era muito divertido, aprendi muitas coisas nesse período da minha vida que carrego comigo até hoje.

Na minha infância ainda não existiam muitas tecnologias inseridas na T.I. como nos dias atuais. Nós brincávamos muito, na rua, na escola e em casa. Brincava de pega-pega, pique-esconde, fazer casinha, futebol entre outras brincadeiras. Não tínhamos acesso a aparelhos de jogos e brincadeiras virtuais. Somente na adolescência que pude ver de perto e conhecer o que era uma televisão, foi quando minha avó materna adquiriu um aparelho de televisão. Lembro que assistimos diversos programas, mas nos atínhamos aos que eram de desenhos animados, porém, eram em pequenos tempos, nada que chegasse a interferir na nossa rotina.

Meu pai é artesão e vivia fazendo seus artesanatos para poder vender e nos sustentar. Muitas vezes eu e minhas irmãs o acompanhávamos na busca de matéria prima para confeccionar os artesanatos. Era muito divertido. Muito diferente dos dias atuais, em que as crianças não podem sair na rua para brincar, porque vão se machucar ou sofrem algum tipo de acidente. Acho que os pais de hoje também mudaram, ficaram cada vez mais cuidadosos com seus filhos e temem que eles se machuquem. Por serem muito cuidadosas, muitas vezes atividades rotineiras, como pescar, nadar, tirar matérias primas para confeccionar artesanatos, fica em segundo plano.

Por meu pai ser artesão, sempre estava na floresta coletando matéria prima e nós, crianças e adolescentes, costumávamos acompanhá-lo, pois, segundo ele, era preciso que o acompanhássemos, para aprender a tirar a matéria prima e a fazer os artesanatos, porque poderia ser útil no nosso cotidiano e também para que não nos esquecêssemos de como que era feito um arco e flecha por exemplo. Ele, ao finalizar os artesanatos saía pelas terras dos colonos fazendo trocas por alimentação, sementes, roupas e calçados. Também preparava grandes quantidades, de 30 peças ou mais e saía para a cidade grande vender, ficava vários dias fora de casa e quando voltava fazíamos a festa, pois ele sempre trazia algo diferente e gostoso para nós, trazia também dinheiro para minha

mãe poder fazer suas compras. Sempre vendia todos os seus artesanatos. Me recordo de ele dizer que tínhamos que aprender a fazer todos os tipos de artesanatos, para caso no futuro, precisasse ajudar no sustento da família. Ele também nos aconselhava para não esquecer quem somos e não ter vergonha de fazer nossos artesanatos e sair para vender ou até mesmo fazer para nós utilizar no nosso dia a dia.



Figura 2: Armas tradicionais a venda no centro de José Boiteux. Acervo próprio.

### **Breve relato histórico do povo Xokleng/Laklãnõ**

Atualmente os Xokleng/Laklãnõ habitam o sul do Brasil, noroeste Catarinense, alto vale do Itajaí, sendo uma etnia única no Brasil e no mundo. A terra indígena faz divisa com quatro municípios que são: José Boiteux; Doutor Pedrinho; Vitor Meireles e Itainópolis. Está dividida em oito Aldeias: Sede, Bugio, Figueira, Toldo, Coqueiro, Palmeira, Pavão e Plipatól.

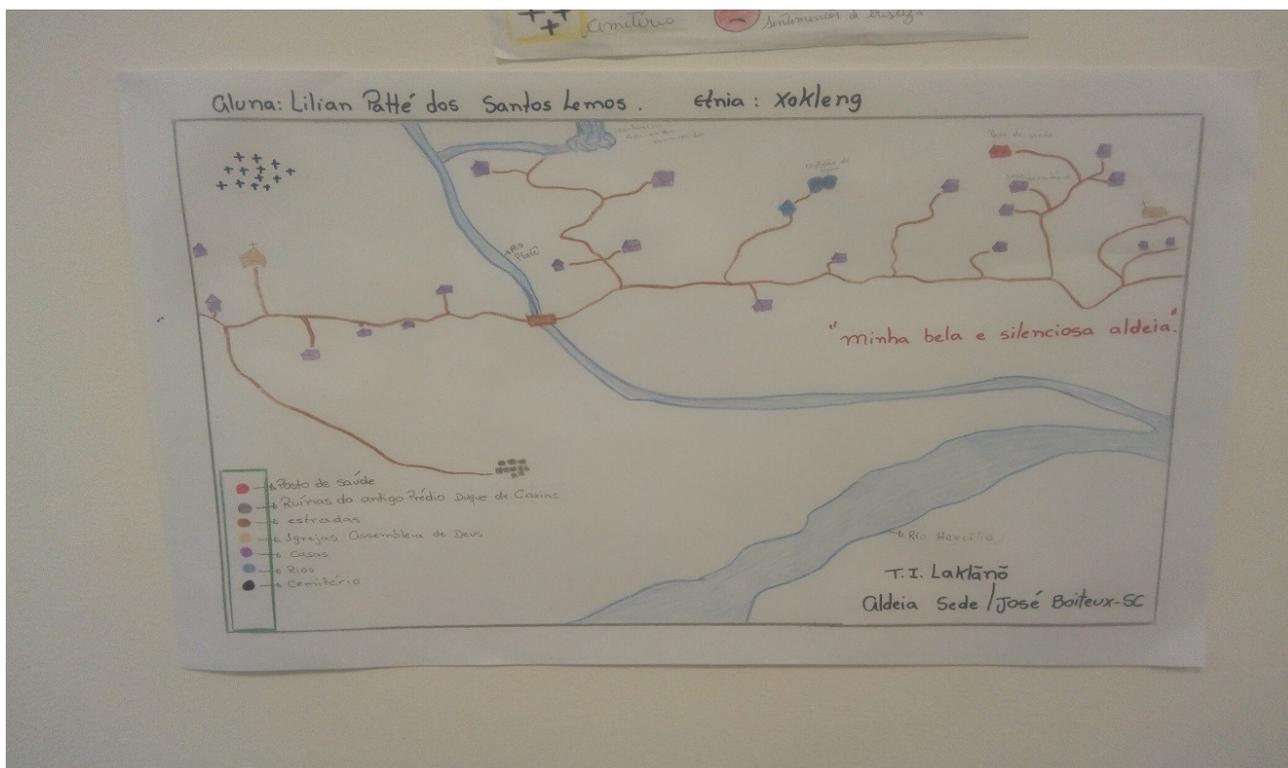


Figura 1: Mapa etnográfico da Aldeia Sede. Fonte: Acervo próprio

O Povo Xokleng/Laklãnõ tem mais de 100 anos de resistência, após o contato com não índios. Segundo dados da Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2016), a população é de aproximadamente 878 famílias, em torno de 2.203 indígenas, é constituída principalmente pelos sobreviventes do povo Xokleng/Laklãnõ, e descendentes do povo Kaingang e Guarani Mbya, que migraram para T.I. ao longo da história.

A organização sociopolítica é realizada pela própria comunidade indígena, composta por um juiz eleitoral e um de direito, indicados pelos caciques regionais que organizam as eleições a cada três anos. E o de direito, executa leis sobre a comunidade de acordo com seus atos. Na T.I. existe um cacique regional para cada aldeia e um cacique presidente que representa todo o povo.

Segundo contam os velhos, antigamente o povo Xokleng/Laklãnõ, a partir do contato com o colonizador, começou a fazer uso das primeiras tecnologias<sup>2</sup> oferecidas pelo colonizador no momento do contato, que foram as roupas, equipamentos como facão, enxada, alimentos não perecíveis entre outros, essas foram às primeiras tecnologias oferecidas, as quais passaram a serem usadas e aceitas, no primeiro momento, com um pouco de resistência, porém no decorrer dos anos

<sup>2</sup> Os Xokleng/Laklãnõ entendem que todo equipamento e ou apetrechos que começaram a fazer parte de sua rotina após o contato, são diferentes formas de tecnologia.

foram sendo adaptadas a sua realidade e agora já fazem parte do seu cotidiano. É certo que, muito antes de entrar em contato com o não indígena, os Xokleng já haviam feitos alguns tipos de objetos para seu uso no cotidiano. Estes facilitavam a sua vida na mata, como por exemplo, as mantas feitas com urtiga, e as panelas feitas de argila entre outros.

Embora tenhamos ciências dos diferentes tipos de tecnologias, em nosso estudo nos atentaremos para o que entendemos como parte do grupo de tecnologias da comunicação<sup>3</sup>, ou seja, buscaremos analisar e descrever quais tecnologias da comunicação fazem parte do cotidiano Xokleng/Laklãnõ, e em que medida essas tecnologias influenciam ou não na rotina na aldeia.

### **Objetivo geral:**

Analisar os impactos e apropriações das tecnologias da comunicação no cotidiano Xokleng/Laklãnõ.

### **Objetivos específicos:**

- Registrar quais tecnologias da comunicação existem na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ;
- Entender os impactos das tecnologias no modo de vida Xokleng/Laklãnõ, tendo como base o relato dos mais velhos.
- Analisar e descrever as estratégias do Povo Xokleng/Laklãnõ para não perder os costumes ao usufruírem das tecnologias da comunicação, principalmente aquelas que possibilitam ao acesso na rede;

### **Caminhos metodológicos**

A recente pesquisa tem como base o observar e o ouvir os velhos e os adolescentes da T.I. prioritariamente, porém em termos metodológicos, nos juntamos, ainda que de forma não aprofundada as linhas de estudos de cunho Etnográfico, Auto-etnografia e Histórias de vida.

A Antropologia tem como os pais do método etnográfico Bronislaw Malinowski e Franz Boas, em seus respectivos tempos e contextos.

Por ser integrante e participante do contexto de pesquisa, a ideia de um estudo auto-etnográfico, conforme conceitua Dubois (1996) também foi a linha de fundo para chegarmos aos

objetivos do estudo. Dubois (1996), em discussão sobre a questão da auto-etnografia, sugere que essa proposta pode relacionar-se a uma noção de “dupla consciência”, “uma das ideias subjacentes ao conceito prende-se com a autenticidade dos registos autoetnográficos”, (DUBOIS, 1996, p. 79). Santos (2007) entende que em virtude dessa dupla consciência, poder-se-ia considerar que os subalternos, os desprotegidos e os que são invisibilizados por poderes hegemônicos poderiam fornecer um registro mais autêntico de sua condição social, já que têm acesso à cultura dominante, ao mesmo tempo em que se situam também “do outro lado da linha abissal”. (SANTOS. 2007, p. 35)

Sobre a perspectiva de histórias de vida, segundo Glat, R; Pletsch, M D (2009, p. 132), em uma perspectiva ética, o método de História de Vida “permite romper com a relação hierarquizada entre pesquisador e sujeito da pesquisa. O enfoque se apresenta extremamente profícuo por valorizar o ponto de vista do sujeito, dando voz a um grupo historicamente silenciado”. A proposta do método, conforme defende Glat, é justamente, “priorizar a versão dos indivíduos pertencentes ao grupo estigmatizado, em vez dos profissionais que os rotulam” Glat (2009, p. 135).

O objetivo desse tipo de estudo é ouvir o que esses sujeitos têm a dizer sobre si mesmos, seus relacionamentos e sua vida cotidiana. Pretende-se, assim, a partir de suas narrativas, averiguar de que forma a condição de estigmatizado afeta suas experiências, visão do mundo e identidade pessoal, bem como, conhecer as estratégias de sobrevivência social desenvolvidas, por alguns, para superação ou minimização do estigma (GLAT & PLETSCHE, 2009, p. 141).

Ressalto que como pesquisadora indígena, pertencente ao Povo onde o estudo foi desenvolvido, não sou o sujeito estudado, porém, em alguns momentos de minha pesquisa me senti dentro do contexto, pois as histórias ouvidas e observadas se aproximavam muito da minha realidade vividas, as lembranças da infância sem as tecnologias de comunicação, me trouxeram momentos único de nostalgia. Ou seja, trata-se também de uma auto-etnografia, pois a pesquisadora é interlocutora e também mediadora desses questionamentos, por assim dizer, nas interlocuções entre os saberes indígenas e os diferentes campos do conhecimento.

### **Os marcos e meios de introdução das mídias na terra indígena Xokleng/Laklãnõ**

Os velhos contam que em seu tempo os ensinamentos sobre a cultura e os costumes do povo eram transmitidos de maneira coletiva, tudo era ensinado e aprendido no seu modo de vida Xokleng/Laklãnõ. Eles lembram e contam suas histórias, quando tem a possibilidade de estarem em espaços abertos, como na escola, por exemplo, contam que antigamente sua escola era a floresta, aprendiam quando acompanhavam seus pais na caça, na pesca, na colheita de frutas, na coleta de

folhas e ervas medicinais. Os anciãos tinham voz e vez na educação de seus filhos, netos e de todos aqueles que estavam a sua volta, eles ensinavam a conviver em harmonia entre o homem, terra e a floresta e entre eles mesmos.

No final da década de 1930, foi implantada pela primeira vez na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ, uma escola, com modelo ocidental, que tinha entre outros objetivos, ensinar a língua portuguesa para o povo. Nesse período, os índios Xokleng/Laklãnõ, já haviam tido contato com o homem branco. O primeiro professor a atuar na escola foi o polonês chamado Mieczyslaw Brzezinski, mais conhecido pelos indígenas como “Maestro”. Desde esse fato histórico, parte da educação indígena Xokleng/Laklãnõ com o passar anos, deixou de ser no seio familiar e passou a ser em escolas como, por exemplo: ensino da língua indígena, dos cantos, artesanatos entre outras particularidades da cultura tradicional indígena, era o início de um novo modo de ensinar e aprender para o povo.

Anos mais tarde, conforme lembram os velhos, surgiu o primeiro professor indígena e passou a atuar na escola da T.I. Seu nome era Lino Nunc-foon-ro, ex-aluno do professor maestro, Lino foi contratado para dar aula porque sabia ler, escrever e principalmente falar português. Como o professor Lino era indígena, ensinava também os alunos a língua materna Xokleng/Laklãnõ, porém somente na oralidade, quando não havia nenhum dos capangas do Eduardo o “pacificador” por perto, pois tinha sido advertido que não ensinasse de forma alguma a língua Xokleng para o seu povo, somente a língua portuguesa.

Nesse processo de transformação social e política, pouco a pouco as diferentes tecnologias foram ganhando espaço no interior da T. I., principalmente por meio da escola. A escola marcou o início da chegada das diferentes tecnologias de cunho representativo, ou seja, discutia-se nela, como o indígena deveria ser tendo como base a figura e parâmetros não indígena de viver em sociedade. O professor Lino, pode ser considerado, como um dos primeiros indígenas que se preocuparam com a revitalização da cultura indígena no ambiente escolar.

A partir dos anos de 1970, surgiram organizações indigenistas não governamentais, dando início a articulações para formação do movimento indígena organizado no Brasil, iniciando as discussões, acerca dos direitos das populações indígenas e o direito ao ensino bilíngue, que é a forma de respeitar o patrimônio cultural das comunidades indígenas conforme o Art. 47-Lei6001 de 19\12\1973-Estatuto do Índio. Foi então que em 1980, os ex-alunos de Lino Nunc-foon-ro, sentiram a necessidade de revitalizar a cultura, e, principalmente a fala da língua materna Xokleng\Laklãnõ

nas escolas indígenas, pedindo que nestas escolas devessem ter aulas bilíngues e os alunos deveriam aprender a falar e escrever, a ouvir as histórias e os mitos contados pelos mais velhos, na própria língua materna, sem medo de serem reprimidos, pois até então, somente iam para a escola para aprender a falar e escrever na língua portuguesa, silenciando a si mesmo e a sua cultura.

No ano de 1992, por iniciativa do professor Namblá Gakran, na época somente uma pessoa interessada em revitalizar a história de seu povo, deu início a um processo de conscientização dos jovens e da comunidade em geral, ele orientava sobre a importância de manter viva a história e a língua materna, considerada por ele como herança, deixada pelos antepassados. Em uma reunião que teve neste mesmo ano, o professor Nambla, hoje com 60 anos de idade, afirmou em suas palavras que: *os mais velhos que sabem da nossa história e a nossa língua materna já estão se acabando, se nós não fizermos algo para evitar isso, no futuro próximo, nossa língua materna como povo vai se acabar e isso apenas ficará nas páginas dos livros de história que ali existia o povo Xokleng, agora não existem mais e não “Há nenhum registro da língua materna desta sociedade”*.

Seguindo essa forma de pensar o quadro da educação escolar indígena Xokleng toma um rumo diferente e esperançoso. Professores e lideranças indígenas, preocupados com o futuro do povo, começaram a se unir para articular planos e passaram a fazer projetos para a revitalização da língua e cultura indígena através da escola. As lideranças preocupadas com o futuro do povo decidiram buscar meios para fazer uma nova escola que contemplasse as necessidades do seu povo. Até aquele momento, os alunos estavam indo estudar em escolas não indígenas, aprendendo a cultura de outro povo e esquecendo a sua própria cultura.

No dia 04 de agosto de 2004, depois de muitas batalhas, foi inaugurada a Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, era um sonho tornado realidade, uma grande conquista para o povo. Essa escola, sua arquitetura foram construídas no formato redondo, fazendo alusão ao sol, juntamente com o ginásio de esportes feito em formato de tatu e a casa da cultura em forma de estrela, especialmente criada e diferenciada, tanto na grade curricular, quanto em sua estrutura para atender a comunidade indígena. Atualmente essa escola está interditada, devido aos danos sofridos em sua estrutura, toda comunidade escolar foi transferida para uma outra escola cedida pelo estado, localizada na Aldeia Pliplatól, na mesma T.I. Antes da escola Laklãnõ ser construída, os alunos estudavam em escolas multiseriadas até o quarto ano, depois faziam o restante das séries em escola dos não indígenas, a partir do momento que a escola Laklãnõ foi inaugurada, todos passaram então a estudar nesta Escola Indígena de Ensino Básico Laklãnõ.

No presente a educação escolar na escola é diferenciada, tem sua própria grade curricular, a escola atende alunos do pré-escolar, anos iniciais, ensino fundamental e ensino médio, são no total 380 alunos matriculados e 36 professores atuando, a maioria deles possui algum tipo de curso superior de sua área, porém tem alguns que ainda estão cursando. É exigido pela liderança que todos os professores do quadro escolar, incluindo o diretor e secretário, sejam indígenas.

Neste sentido os professores indígenas, que atuam nesta escola, têm claro que devem desenvolver planejamentos de ensino diferenciado, para que a escola indígena se caracterize como tal, tais como: Tornar a escola mais bilíngue; calendário diferenciado; produzir PPP específico; grade curricular própria; produzir material didático pedagógico; utilizar mais a língua originária, entre outros.



Foto 2: Aula sobre os costumes Xokleng na mata, junto anciões e lideranças da comunidade. Fonte: Acervo próprio.



Foto 3: Reunião de lideranças da comunidade, em parceria com a escola, com a participação dos alunos.  
Fonte: Acervo próprio.

### **Mídias na terra indígena e as estratégias para manutenção da cultura indígena na rede**

Atualmente nós indígenas Xokleng/Laklãnõ, fazemos uso das mais variadas tecnologias em nosso cotidiano. Sejam elas tecnologias da informação, ou outros tipos de tecnologias utilizados para dar mais conforto e comodidade para nossa vida. Mas, por fazer uso dessas tecnologias, muitas vezes passamos por vários tipos de situações constrangedoras e desrespeitosas, somos observados e até mesmo analisados da cabeça aos pés, quando estamos portando algum tipo de aparelho eletrônico ou algo do tipo. Em algumas situações somos observados até mesmo no nosso modo de ser, vestir e falar.

Segundo os não indígenas, “são considerados índios só os indivíduos que se vestem como índios e vivem como tal”, ou seja, andam nus e moram em oca no meio da mata, conforme encontrados a mais de 500 anos. Esta é uma visão distorcida a nosso respeito, assim como tudo evolui e está mais acessível, na nossa T. I. também não tem sido diferente. A nossa comunidade indígena está tendo acesso e utilizando de várias formas as tecnologias de comunicação.

Desde que foi implantada no nosso meio, nossa vida mudou completamente, a nossa visão sobre o mundo se expandiu, e estamos a cada dia mais envolvidos com esses meios tecnológicos. Os adultos, adolescentes, crianças e até mesmos os idosos fazem uso dessas tecnologias como o celular, por exemplo, é só olhar para o lado e ver até mesmo as crianças portando e dominando esse aparelho.

Em campo observei as principais tecnologias de comunicação presentes na aldeia. A **televisão** é uma delas. Desde que chegou no nosso cotidiano, mudou muito a nossa vida na aldeia. A televisão veio como um meio de comunicação e informação que no primeiro momento era de suma importância para as famílias, todos queriam ter uma televisão.

Porém eram poucas as famílias que conseguiam adquirir o aparelho, quem possuía, abria as portas de sua casa para que as pessoas pudessem compartilhar da novidade. Os velhos contam que muitas vezes as casas ficavam bem cheias para assistir a televisão e por isso algumas pessoas e crianças ficavam penduradas nas janelas das casas para poder assistir também. *As famílias se esbaldavam na frente da televisão e acabavam esquecendo a vida.* Este aparelho influenciou na rotina do nosso povo. Não se via mais crianças brincando, nem adultos conversando, era só pessoas querendo imitar a vida dos artistas que apareciam na televisão, contam os velhos em tom divertido ao mesmo tempo que triste. *Os velhos eram esquecidos e as músicas e o artesanato também. As brincadeiras no mato, as pescadas no final do dia e os banhos de rio e cachoeiras também foram deixadas de lado, as crianças só queriam saber de assistir desenhos.*

Mas antes da televisão, veio o rádio, parecia no primeiro momento que este aparelho não causaria grandes problemas na vida do povo, porém ao contrário do que se pensava, este aparelho foi tomando grandes dimensões na comunidade e todos queriam obter um aparelho deste para poder ouvi músicas e escutar as várias programações que a rádio trazia para dentro de cada casa. E a problemática que ele trazia seria quase que irreversível, se alguém não tomasse alguma atitude, pois tudo o que se ouvia na rádio era em português e em qualquer outra língua, menos na língua materna deste povo.

Este foi o início dos grandes impactos na vida do povo. Esses dois aparelhos tecnológicos foram os primeiros aparelhos eletrônicos, que começaram a tomar a atenção das crianças e adultos no cotidiano Xokleng/Laklãnõ. Os velhos contam os aparelhos eram vistos como coisa de outro mundo, e quando uma família possuía em sua casa, era considerada uma família “rica”, pois tinha televisão e rádio em casa e se orgulhavam desta conquista. O rádio ainda é muito utilizado, pois o

nosso povo é alegre e gosta muito de cantar e dançar, por isso, gosta de ouvir músicas e hinos evangélicos através do rádio ou aparelho de som.

O nosso povo não imaginava que ali era só o início de um novo tempo, um tempo em que a cultura e a língua estavam sendo deixados ainda mais de lado. Nas rodas de conversa no campo os velhos lembram que as noites de conversa ao redor do fogo foram esquecidas e tomava lugar as novelas e filmes. Mas com o passar dos anos, a televisão foi ficando um pouco de lado, para dar espaço a outro aparelho que também tomaria espaço na vida dos Xokleng/Laklãnõ.

Na década de 1990, outro aparelho eletrônico chegou na T.I. o **telefone celular** e o que no início era uma novidade e para poucos hoje, quase todas as pessoas possuem um celular, até mesmo as crianças já sabem fazer uso deste aparelho, elas ficam entretidas com os joguinhos e desenhos e esquecem-se de brincar com as outras crianças.

Com a chegada do telefone celular surgiu também à **internet**, que hoje é a principal mídia tecnológica utilizada por todos. No primeiro momento, havia internet somente em alguns lugares específicos, indicados pela liderança. A escola foi um desses lugares, pois os professores tinham que utilizar para poder fazer seus planejamentos anuais e trabalhar pesquisas e conteúdos de trabalhos com os alunos. Quando a escola se encontrava aberta e não haviam alunos ou professores utilizando os computadores, a comunidade podia fazer uso da internet. Eram bem poucas as pessoas que se arriscavam a utilizar a internet. Com o passar dos anos a internet veio com toda a força para a T.I. Xokleng/Laklãnõ, foram implantados alguns aparelhos de internet nas aldeias, para que a comunidade tivesse acesso a internet nas suas casas.

Atualmente podemos dizer que 90 por cento da nossa população possui internet em casa. Esse meio de comunicação foi o mais devastador da cultura e da língua materna na T.I., pois a maioria dos usuários são jovens e adolescentes e fazem mal-uso, por falta de informações necessárias, sobre o que e como dispor na rede. Nossas crianças já não brincam mais como antigamente, nossos adolescentes e jovens estão utilizando esse meio de comunicação de forma errada e estão acontecendo muitos casos de depressão e até mesmo suicídio em decorrência do mau uso desse meio de comunicação.

Vendo que está ficando cada vez mais precária essa situação a nossa escola Laklãnõ, juntamente com as lideranças desta T.I. vem fazendo um trabalho de revitalizar a língua materna e os costumes. E incentivam os jovens que já não estão frequentando a escola, voltar a frequentar.

Tem-se procurado formas de fazer com que os alunos e os pais se mobilizem e comecem a se conscientizar do mau uso desses aparelhos. E através dessa conscientização, possam utilizar esses recursos de forma positiva para a comunidade. Instrui-se os alunos na escola a usarem esses recursos ao nosso favor e utilizarem as redes sociais para divulgar a nossa cultura e também a se comunicar na nossa língua materna com as pessoas do nosso povo. Porém, ainda há muitos receios em relação as essas tecnologias, principalmente que a internet venha tomar todo o tempo de nossas crianças e adultos, são poucos que sabem utilizar as mídias para preservar a cultura, essa é uma problemática que a internet vem trazendo.

Os velhos lamentam que, atualmente está mais difícil de nos reunirmos com os mais velhos como antigamente. Os pais observando que as crianças ficam aparentemente mais calmas acabam adquirindo mais celulares para seus filhos. Os adolescentes e adultos também estão a cada dia mais interagindo através das redes sociais. Os pais também estão se preocupando cada vez mais com isso e aos poucos se conscientizando do problema, estão tentando fazer com que seus filhos se divirtam de outra forma, que não seja trancado dentro de casa, com um celular na mão.

Estamos procurando um caminho para que as mídias venham ser nossa aliada e não nossa inimiga. Estamos fazendo um trabalho de formiguinha, mais tenho certeza que já está surtindo algum resultado positivo, pois são visíveis as mudanças de hábitos, principalmente no ambiente escolar.

Vários povos indígenas no Brasil e no mundo, estão utilizando as mídias para poder divulgar a própria cultura. Temos grandes nomes como, por exemplo, Sonia Guajará, que está utilizando destes recursos para contar a história de seu povo e também para reivindicar os direitos dos mesmos. Na T. I. em conjunto com a escola, estamos conscientizando e estimulando os nossos jovens a falar e mostrar a nossa cultura através das redes sócias, das mídias, de não ter vergonha de publicar no face book, por exemplo ou em qualquer outra mídia, algo referente a cultura, a língua.

Temos poucas pesquisas feitas e divulgadas sobre o nosso povo, são raros as músicas e histórias que temos registradas e gravadas por algum tipo de tecnologia. Dessa forma a comunidade, junto com a escola bem incentivando os jovens os momentos de retomada da cultura nos diferentes momentos e contextos da aldeia, porém, sem tornar o povo exótico e ou vulgarizar as pessoas como muito se tem visto nas redes sociais.

Com o celular, tem-se feitos os registros dos contos, cantos, brincadeiras, das conversas em volta do fogo com os anciões. Com intuito de criar na escola um acervo, onde a cultura, a história do povo possam ser registradas e difundidas.



Foto 4: Crianças usando celular para pesquisas na mata T.I. Laklãnõ aldeia Sede. Fonte: Acervo nosso.

Ainda em conversa com os velhos da T.I. eles narram que para se aproximar do povo indígena Xokleng/Laklãnõ, o “pacificador”, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, enviado na época pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), a fim de domesticar os ‘bugres’ nativos desta terra, usou de um recurso natural para poder se aproximar. Contam os velhos que antigamente andavam nus pelas matas, Eduardo então se despiu, a fim de ser aceito pelo povo que ele avistou, e começou a oferecer suas roupas e também alimentos e utensílios domésticos, tais com facão, foice entre outros, os indígenas, curiosos com o que ele lhes oferecia, começaram a aceitar o que o homem branco lhes dava, e em troca davam, sem consciência a sua confiança e autonomia, abrindo o caminho para Eduardo lhes “pacificar”, hoje entendemos que não foi exatamente isso que aconteceu. Ele queria era exterminar com os nativos desta terra, ou transforma-los em não índios.

É justamente neste cenário lastimável, que começou a surgir a curiosidade em primeiro momento, e logo após, a necessidade de introduzir a tecnologia no meio do povo. É claro que, bem antes disso, este povo já havia criado suas próprias tecnologias, para facilitar a caça a pesca e também a coleta de alimentos, assim como para se comunicar, porém surgiu a partir do contato com o colonizador, a curiosidade e mais tarde a necessidade.

Primeiramente, eram poucas as famílias que tinham acesso aos primeiros materiais tecnológicos, que começaram a ser introduzidos na comunidade, tais como eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos, e internet. Somente quem tinha maior condição financeira e maior poder aquisitivo, conseguia obter tais objetos. Com o passar do tempo, as coisas foram se modificando, as tecnologias foram crescendo, e as pessoas começaram a sentir a necessidade dessas tecnologias, então começaram a procurar emprego fora da aldeia, para conseguir obter estes materiais.

Na área da educação, o colégio Laklãnõ está equipado, com uma sala de informática onde é utilizado por professores, alunos e comunidade, conforme já explicitamos anteriormente. Os Profissionais desta área estão ampliando seus conhecimentos e fazendo com que o computador e a internet sejam seus aliados, pois são as tecnologias mais utilizadas pelos professores e alunos, tanto em sala de aula quanto fora dela.

Com o uso destas tecnologias, a educação indígena se torna mais ampla, em todas as dimensões: econômica, social, educacional entre outros. As informações se disponibilizam através de tecnologias, cada vez mais inovadoras. Segundo Maturama (2001),

[...] Sem dúvida, a interconectividade atingida através da internet é muito maior do que a que vivemos há cem ou cinquenta anos através do telégrafo, rádio ou telefone. Todavia nós ainda fazemos com a internet nada mais nada menos do que o que desejamos no domínio das opções que ela oferece, e se nossos desejos não mudarem, nada muda de fato, porque continuamos a viver através da mesma configuração de ações (de emocionar) que costumamos a viver”. (MATURAMA, 2001, p.199)

Segundo Moran (2009), tudo que fizermos para inovar na educação nos tempos de hoje será pouco”. Hoje em dia, cada criança que nasce nesta nova era tecnológica, já está inserida em uma sociedade tecnológica, por este motivo há a necessidade de se adaptar neste novo mundo. Jordão (2009) registra que,

[...] O número de crianças que tem acesso ao computador e a internet vem crescendo, e a faixa etária também vem se ampliando. Antes, mais acessadas pelos jovens, a internet, hoje, vem sendo utilizada de forma crescente por crianças de 6 a 11 anos. Estas crianças já nasceram ligadas as tecnologias digitais: com menos de 2

anos já têm acesso a fotos tiradas em câmeras digitais ou ao celular dos pais, aos 4 anos, já manipulam o mouse, olhando diretamente para a tela do computador gostam de jogos, de movimento e cores; depois desta idade, já identificam os ícones e sabem o que clicar na tela, antes mesmo de aprender a ler e a escrever. (MORAN, 2009, p. 10)

Mesmo com todo este avanço tecnológico que está acontecendo no mundo, na terra indígena Xokleng/Laklãnõ, ainda há carência em algumas áreas tecnológicas, porém vem crescendo absurdamente o numero de pessoas que estão adquirindo e fazendo uso de celulares, notebook e tablete, crianças acima de dois anos já estão crescendo em meio a essa evolução digital e as primeiras coisas ou brincadeiras que elas fazem já esta diretamente ligada a esta nova era.



Figura 5: Criança indígena Xokleng/Laklãnõ, usando notebook. Fonte: acervo nosso.



Foto 6: Indígena fazendo a pintura corporal ao mesmo tempo que divulga na rede. Fonte: Acervo próprio.



Foto 7: Pintura corporal Xokleng. Fonte: Acervo próprio.



Foto 8: Adolescentes Xokleng/Laklãnõ, cantando na língua indígena na igreja da Aldeia Sede T.I. Laklãnõ. Fonte: Acervo próprio.

### **As estratégias utilizadas para a manutenção da cultura indígena**

Como já falamos, a tecnologia é uma arma muito poderosa para a destruição da cultura de um povo, se não saber utiliza-la.

Nesse sentido, observei que, tanto a escola como as lideranças e a comunidade desta T.I. estão engajadas em reverter essa situação, existe a preocupação em relação e essa problemática.

A escola por sua vez, traz projetos junto aos professores de orientação da cultura e da língua materna, para poder utilizar destes meios tecnológicos para divulgar a cultura do povo. Muitas vezes abre espaços para os anciões e sábios poder estar trazendo seus conhecimentos e espiritualidades tradicionais para dentro da escola. Também abre espaço para as lideranças

indígenas poder fazer suas reuniões e conversas para as melhorias e estratégias da revitalização língua e da cultura.

Nas igrejas evangélicas a comunidade evangélica tem livre acesso para poder cantar na língua materna, pregar ou até mesmo falar o que sente, tudo no seu idioma.

É um processo lento, porém está surtindo muito efeito. Os alunos estão se conscientizando e valorizando suas raízes e, assim estão cada dia mais fazendo uso destas tecnologias de maneira favorável. Também estimula os alunos a utilizar destes aparelhos eletrônicos para fazer uso em suas pesquisas de aulas.

Pelo que observei os pais também estão preocupados e estão mais atentos ao que seus filhos e filhas estão postando em suas redes sociais.

Em uma conversa com Elaine K. Camlém, 38 anos, ela fala que, quando era criança brincava muito com seus irmãos, fora de casa, eles observavam o que os adultos faziam e brincavam do que viam, então brincavam de pescar, de fazer roça, de caminhão e de todas as outras coisas que viam os adultos fazerem. Ela falou que costuma falar uma frase que é: *antigamente as crianças eram obrigadas a entrar em casa e hoje é diferente as crianças são obrigadas a sair de dentro de casa, para poder brincar na rua, se não passam o dia trancados jogando, assistindo ou usando as redes sociais.*

Ela também contou que seu filho Francisco de 7 anos, é viciado em joguinho e desenhos e muitas vezes até roubava o seu celular para poder jogar. Vendo que estava interferindo no seu comportamento, ela resolveu ficar mais atenta a ele, antes ela dava o celular para ele jogar ou assistir desenhos a qualquer momento que ele quisesse, hoje ele tem horário para pegar o celular.

Também conta que tem um filho adolescente que também é viciado nas redes sociais e muitas vezes ela precisa pegar o celular dele para poder acompanhar o que ele está acessando nas redes sociais.

Falei também com a jovem Mayra de Lima (18 anos) a respeito do uso do celular, sobre o que ela costumava acessar utilizando este aparelho. E perguntei também para ela, qual a importância deste aparelho em sua vida, ela me respondeu da seguinte forma: *eu gosto de usar o facebook, para postar minhas fotos e olhar publicações, também gosto de acessar o instagram para compartilhar fotos tops e também compartilhar story, curto também o whatsapp para conversar, o celular é um modo*

*de eu estar próximo de meus amigos e de ajudar e de guardar momentos.* Perguntei para Mayra se ela utilizava as redes sociais para compartilhar ou divulgar sua cultura, ela me respondeu que só as vezes, principalmente nas festividades do dia do índio 19 de abril.

Falei com certo ancião que deseja não ser identificado, sobre o uso das tecnologias no presente, como o celular e o notebook, a minha pergunta foi, o que você acha sobre este aparelho aqui, mostrei para ele o celular. Ele simplesmente me respondeu, *isso aí é um gãjung (espírito mal) ele tira a nossa vida. As pessoas ficam conversando e rindo sozinhas, parecem bobas.*

### **Considerações finais**

Uma das principais metodologias empregadas na educação indígena é a bagagem cultural, que o professor traz para a sala de aula, este é seu maior trunfo, e é por esta razão que para trabalhar em uma escola indígena, a exigência que este profissional seja indígena também.

A partir do que discutimos a respeito da tecnologia na educação escolar indígena, também o porquê de educação diferenciada e dos pontos positivos e negativos destas tecnologias para o povo Xokleng/Laklãnõ, devemos levar em conta o sujeito aluno, criando possibilidades para a construção dos conhecimentos que ele levará para a o resto de sua vida. Também é importante ressaltar a importância destas tecnologias como ferramentas pedagógicas na escola.

À medida que os profissionais na área da educação, juntamente com as suas lideranças se mobilizem para conscientizar o povo a utilizar as tecnologias ao seu favor e usar estas ferramentas de maneira correta, fazendo com que a cultura e a língua materna venham ser revitalizadas através destes meios, teremos uma educação tecnológica indígena.

No decorrer do texto podemos ver que as lideranças, juntamente com os profissionais na área da educação, estão de mangas arregaçadas e bem empenhados no que diz respeito a revitalização e a preservação da cultura indígena e da língua materna Xokleng/Laklãnõ, estão buscando recursos e meios para que a cultura não venha ser extinta. É visível a preocupação dos anciões, comunidade e professores, através dos relatos que obtivemos durante a pesquisa, em relação à questão do esquecimento dos costumes e das tradições, em razão do envolvimento da comunidade em geral com as novas tecnologias implantadas na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ.

Porém, através dos relatos podemos também observar que mesmo com toda essa problemática envolvendo as tecnologias no cotidiano do povo, existem pontos positivos em relação a esses meios tecnológicos de comunicação, estes não vem trazendo só malefícios, mais fazendo com que a comunidade em geral se inove em seus modos de pensar agir e conviver e principalmente alto representar-se, sem deixar suas raízes e sua cultura, pois um povo sem cultura e sem a própria língua, pode ser considerar um povo morto.

Para refletir, encerro com esta frase, dita pelo cacique terena Ênio de Oliveira Matelo, em uma entrevista especial para Repórter Brasil em 20-04-2007, “Eu posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou”.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Paula Rocha de. O Uso Das Tecnologias Na Educação: Computador e Internet. Brasília, universidade Brasília\ universidade Estadual de Goiás, 2011.

COHN, C. “Children, death, and the dead: the Mebengokré-Xikrin case”. *Horizontes Antropológicos*, UFRGS, v. 5, p. 4, 2012

DU BOIS, W. E. B. The Souls of Black Folk. London: *Penguin Classics*, 1996.

KEIM, Ernesto Jacob, GAKRAN, Namblá, COSTA, Carlos Odilon da, VIEIRA, Gleison, SANTOS, Raul Fernando dos. Educação na Diversidade Étnica- Educação Escolar Indígena no Contexto Pós e Anticolonial: Curitiba-Brasil: Editora CRV, 2014.

GIAT, R.; PIETSCH, M. D. “O método de história de vida em pesquisas sobre auto-percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais”. *Revista Educação Especial*, 22 (34), UFMA, 2009, p.139-154.

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MORAN, José Manuel. A integração das Tecnologias na educação: Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/pro/moran/integração.htm>>.

NAMEM, Alexandre Machado. Botocudo: Uma História De Contato: Florianópolis: editora da UFSC, Editora da FURB, 1994.

SANTOS, B. de S. “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 2007, p. 3-46.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Ed. Edeme, 1973.